

QUINTA-FEIRA / 18 OUTUBRO / 2018 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**“A VIOLÊNCIA
VERBAL É TÃO OU
MAIS GRAVE DO
QUE A FÍSICA”**

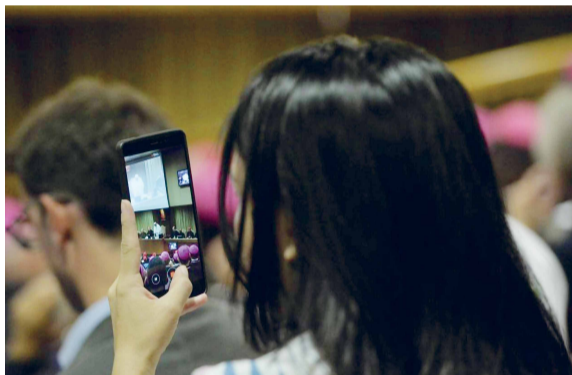
RAQUEL GOMES
COORDENADORA DO ESPAÇO IGUAL
(CENTRO DE INFORMAÇÃO E ACOMPANHAMENTO
A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA)

P. 04-05

BREVES

Sínodo: D. Joaquim Mendes propõe Igreja “família” para “orfandade” dos jovens

O bispo português D. Joaquim Mendes disse ontem no Sínodo dos Bispos que só uma “Igreja-família” é capaz de responder aos anseios dos jovens, referindo que muitos se sentem “órfãos”. “Há um sentimento de orfandade em muitos jovens. São numerosos os que nasceram e cresceram numa família desestruturada, que não sabem o que é uma família, que foram abandonados, que não foram amados”, referiu o presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família. “Creio que não se pode educar e evangelizar sem chegar ao coração, e para chegar ao coração é preciso amar, acolher incondicionalmente, proporcionar uma experiência impregnada de um verdadeiro espírito de família”, precisou o bispo auxiliar de Lisboa.



Números da fome devem fazer sociedade “corar de vergonha”, diz Francisco

O Papa salientou esta Terça-Feira, Dia Mundial da Alimentação, a necessidade de “redobrar esforços” no apoio a quem não tem, “em quantidade e qualidade, o alimento necessário”. Segundo a organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), cerca de 800 milhões de pessoas sofrem de subnutrição crónica motivada pela falta de uma alimentação adequada. Números que, para o Papa, são uma “vergonha” para a sociedade do “século XXI que, apesar dos avanços consideráveis nos campos da tecnologia, da ciência, das comunicações e infra-estruturas”, ainda não conseguiu “idênticos avanços em humanidade e solidariedade”.



OPINIÃO

Olhares - 13



JOÃO AGUIAR CAMPOS

PADRE

“A mulher de César não basta que seja séria; também precisa de o parecer”!... Desde que, no ano 62 AC, Júlio César o disse de Pompeia Sula (imagem da net), a afirmação lê-se e ouve-se por aí muitas vezes. Quase sempre

tuí-la por estoutra: “à mulher de César não basta que pareça séria; também precisa de o ser”!...

Parece-me bem mais contundente e necessária esta formulação, em tempos hipócritas e de bem cultivadas aparências, suportadas por implantes éticos ou moral de silicone.

Não raro, de facto, a porta que tem o loureiro não vende o vinho; ou seja: a letra não diz com a careta!...

Andam, por isso, gordas as parangonas de surpresas desatadas; tanto que os olhos se arregalam em conversas de “nem me digas uma coisa dessas!”.

Há dias, a ex-PGR exclamava que a espantou a dimensão da corrupção no país.

descrença com o olhar branco, invocando o santo nome de Deus em vão.

Que jeito dá Deus em determinadas ocasiões!...

Neste ano 2018 da era cristã, Pompeia Sula até parece séria; mas não está inocente: é político cuidadosamente corrupto, eclesiástico desviado, administrador infiel, patrão explorador, operário preguiçoso, sindicalista burguês, militar encenador, ministro meramente titular, blogger fantasioso, comentador anónimo de cem edições online, etc. etc.

Li que Yves Congar queria a verdade amada como uma pessoa. Belíssimo propósito, a exigir de todos diário cuidado. E a pressupor do mais anónimo dos cidadãos



em contexto de acerto. Por certo, todos admitem ser rematada estupidez vestir pele de lobo por cima da lã de cordeiro, pois “quem não quer ser lobo não lhe veste a pele”. Mas é igualmente imprudente colocar-se, distraída ou sobranceiramente, sob os dentes da grade da maledicência ou da opinião publicada.

Ser verdadeiramente honesto e recusar e combater as suspeitas, sem desvalorizações inocentes ou arrogantes, é caminho prudente a trilhar no direito ao bom nome, que é um direito sério.

Mas deixemos a afirmação original do imperador...

É que, aqui e agora, não resisto à tentação de substi-

E a verdade é que, mesmo em momentos de diplomática informação, o pequeno jornal ou o mais discreto noticiário estão úberes de escândalos insuspeitáveis.

É assim que, de mui prendadas excelências, lá se vai sabendo de tudo um pouco: gastam o que não ganharam, traíram quem lhes delegou o poder, fizeram seu o que lhes pediram que guardassem, distribuíram pelas amigas as benesses da função, deram a ganhar a desonrados os lucros da sua desonra, descuidaram os que deviam proteger e respeitar, manobraram na sombra, contrataram especialistas de imagem e — com duas pitadas de cinismo — num caso ou noutro, até mascararam a

um grau elevado de cobrança sobre quem se lhe propõe como merecedor da sua representatividade.

Eça de Queirós, que conhecia os meandros da política, advertiu em “A Correspondência de Fradique Mendes”: “Todos nós hoje nos desabitamos, ou antes nos desembaraçamos alegremente, do penoso trabalho de verificar. É com impressões fluidas que formamos as nossas maciças conclusões. Para julgar em Política o facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal escutado a uma esquina, numa manhã de vento”.

Em política e não só. Em todos as decisões da vida, ser responsável dá trabalho!



PAPA FRANCISCO

16 DE OUTUBRO 2018 · Abra seu coração e deixe que a graça do Senhor entre em você. A salvação é um dom, não uma forma exterior de se apresentar. #SantaMarta

D. JORGE ORTIGA

15 DE OUTUBRO 2018 · O verdadeiro sinal da presença de Deus é a sua misericórdia, a sua capacidade de perdoar e de abrir um caminho novo para além do mal realizado. #Twtto-milia #Misericórdia #Perdoar #Deus #EvangelhoDiário

OPINIÃO

Fui à guerra (e estava aberta)



JORGE VILAÇA

PADRE

São 08h00. Vamos visitar pela primeira vez a escola (1ª ao 7ª ano). Fica no meio de

não arriscar uma vez mais ficar atolado. Sigo, novamente com a parte de trás do carro cheia de miúdos pendurados. São um todo de terra e roupa rasgada e suja. Perto da escola estão a consertar o “campo de futebol”. Melhor: estão a colocar vedação de palha para poderem cobrar a entrada no próximo jogo. Economia de subserviências e de sobrevivência.

A escola fica num local bonito. Por detrás das salas, ergue-se uma montanha de penedos que, se separados, parecem toscos; juntos, parecem delicadamente dispostos. Na parte da fren-

nada. Outros não têm efectivamente nada. Continua o professor: “na minha sala [7º ano], 8 meninas já abandonaram por estarem grávidas...”. Espere: “8 meninas? De 12 anos?”, repito a mim mesmo. Nunca mais regressarão, sabemos todos. Nunca mais serão meninas. Nunca mais serão livres. Nunca mais sorrirão. Se obedecerem às estatísticas, metade estarão já mortas. Depois continua o professor: “crianças vão no vídeo e deitam tarde. De manhã, como não sabem as horas, dormem. Outras têm de deslocar ao rio para apanhar água. Chegam na escola às 10h00”, desabafa (vídeo: alguém comprou um gerador. Não há energia eléctrica pública. À noite colocam a rodar um filme na televisão e cobram um “bilhete de entrada”). Mas os pais são os principais visados: “Vão na machamba (hortas) e não deixam orientações aos filhos. Deixam andar assim mesmo”.

Deixamos a escola. Não vou em paz. Não posso ir em paz. A “guerra” está aqui, diante dos meus olhos. Fazemos mais umas dezenas de quilómetros. Vamos agora ao Centro de Saúde. Piorou a estrada: agora temos uma antiga estrada com pedaços de alcatrão e grandes buracos em terra. Damos boleia, pelo caminho, a algumas mães que iam na direcção do Centro de Saúde. Não sabem, não conseguem, não emitem... qualquer som. Nem à saída do carro. Não sonham com a saúde dos seus filhos. Paramos, numa sombra, perto do Centro de Saúde. À porta, está uma menina com um bebé nas costas, dentro da capulana (pano). Uns meses, terá a criança. Começa a falar com o tradutor que nos acompanha. Pergunto, sendo traduzido, quantos anos tem. “16”, responde. Insisto, “o filho é teu?”. “Sim”, acena. “Ela está a dizer que tem uma irmã mais nova que também já tem filho”, continua o tradutor. “Como?”, insisto sem querer ouvir a resposta. Não ouço a resposta. Não quero ouvir a resposta. Estou na guerra e está aberta.



um dos bairros. Para lá chegar precisamos de percorrer estradas imaginárias de terra batida, zigzagueando as casas. Pelo caminho, disformes, dezenas de casas de pau-a-pique (cana de bambu) cobertas com capim (palha). É estranho que não haja casas com chapa nos telhados, o único sinal exterior de desenvolvimento nas aldeias. Ao som de um carro que passa, tudo para: as mulheres, agarradas ao pilão, deixam de moer o milho; os homens, agarrados ao chão, olham, sem mais. Depois, as crianças, sempre as crianças, correm e agarram-se à parte traseira do carro. Paro. “We, sair daí. Vão magoar”, resmungo. Fogem. Mas voltam imediatamente. Ligo a tracção às quatro rodas para

te do edifício, estende-se um descampado térreo sem árvores, que serve de recreio. À paragem do carro, aparecem os professores e os alunos. Mantêm-se à distância, entre o temor e a curiosidade. Saudamos o professor, jovem, de esquadro numa mão e giz na outra. “Temos 888 crianças inscritas na escola”, diz. “Até 01 de Junho [dia da criança] a maioria ainda frequenta. Depois, deixam de aparecer” (o ano escolar é de Fevereiro a Novembro). Estão efectivamente na escola, naquela hora, talvez umas cem crianças. Entramos numa sala: são uns quarenta grandes olhos em cima de nós. “Bom dia!” – respondem temerosas mas rindo imensamente. Alguns têm caderno e mais

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Portugal recebe cimeira internacional do diálogo inter-religioso

O Partido Popular Europeu (PPE) promove, nos dias 18 e 19 deste mês, em Portugal, a 21.ª edição de uma cimeira internacional sobre o diálogo inter-religioso.

“Portugal é o local certo para discutir as questões relacionadas com o diálogo inter-religioso, não só pela nossa posição geográfica, mas também pela nossa experiência secular de evangelização” refere o eurodeputado Paulo Rangel, coorganizador da iniciativa sobre o diálogo intercultural com igrejas e instituições religiosas.

Com o título genérico “Que Europa queremos?”, cerca de 100 participantes de diversas proveniências nacionais e religiosas, vão estar reunidos na Ericeira, em Lisboa, entre os dias 18 e 19 de Outubro.

A cimeira é constituída por três momentos de reflexão, sobre “Repensar a Europa”, “Jovens, Família e Educação” e “Paz e Segurança”.



ENTREVISTA

“A PARTIR DO MOMENTO EM QUE EXISTE UMA PRIMEIRA BOFETADA, OUTRAS SE IRÃO SEGUIR”

FLÁVIA BARBOSA (TEXTO) / APAV (FOTOS)

RAQUEL GOMES É COORDENADORA DO ESPAÇO IGUAL, O CENTRO DE INFORMAÇÃO E ACOMPANHAMENTO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INTEGRADO NA CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA. O CAMINHO É LONGO E CHEIO DE OBSTÁCULOS, MAS AINDA HÁ VIDA À ESPERA DAS VÍTIMAS.

[Igreja Viva] A maioria das pessoas chega ao Espaço Igual por iniciativa própria?

[Raquel Gomes] Muitas sim, tomam conhecimento da existência do Gabinete através de um familiar ou amigo que as aconselha a pedir ajuda. Deslocam-se cá ou telefonam para perceberem melhor aquilo que podemos fazer e para revelar, muitas vezes, a situação que estão a viver. Muitos dos casos que nos chegam também são fruto de um encaminhamento de outras instituições. (...) Existe um conjunto muito alargado de entidades que fazem essa sinalização, que encaminham a pessoa para cá.

[Igreja Viva] E qual é o primeiro passo do Gabinete?

[Raquel Gomes] A partir desse momento é feito um primeiro atendimento onde vamos tentar perceber a situação em concreto. Muitas vezes através do encaminhamento já possuímos alguma informação, já sabemos o grau de risco que está envolvido, sabemos se existem ou não menores, temos até às vezes um bocadinho do percurso que as pessoas fizeram, se já solicitaram

ou não apoio a alguma entidade... Acabamos por acompanhar pessoas em diferentes momentos. Existem algumas que chegam numa situação de emergência, a precisar também de um encaminhamento de emergência para uma estrutura de acolhimento, temos pessoas que nos chegam num patamar em que não estão ainda muito conscientes de que são vítimas de um crime – e diria que se calhar essas são as vítimas que precisam de maior apoio psicológico para clarificarem realmente aquilo que estão a viver – e temos também vítimas que nos chegam após um momento de denúncia. (...) Quando falamos de violência doméstica e de as pessoas se autonomizarem, há todo um caminho a percorrer! A saída de casa ou a denúncia é muitas vezes apenas o primeiro passo para aquilo que se preconiza ser um longo caminho e com muitos obstáculos. (...)

[Igreja Viva] É comum haver uma relação de grande dependência entre vítima e agressor? Essa relação faz as vítimas adiarem a sua autonomização?

[Raquel Gomes] Essas são questões importantes. Normalmente as pessoas envolvem-se numa relação amorosa que implica compromisso. E esse compromisso muitas vezes é entendido como sendo para toda a vida! Mesmo sendo muito maltratadas, as pessoas continuam a gostar daquela pessoa, a sentirem dependência emocional em relação ao agressor, quanto mais não seja por esse compromisso e por acreditarem na possibilidade de mudança! Só aí temos duas oportunidades que consecutivamente são dadas aos agressores. Claro que o ciclo da violência doméstica também acaba por favorecer esse dar de oportunidades. Nós caracterizamos essas fases como a de lua-de-mel, onde vêm as promessas de mudança e alguma expectativa na qual as pessoas querem acreditar... Muitas vezes as atribuições que as vítimas fazem à violência giram em torno da perturbação mental: o agressor não está bem, está perturbado, “é por isso que me faz isto”, se estivesse no seu estado normal não faria... Também há atribuições relativamente aos consumos: é quando está alcoolizado que o faz, é só quando consome drogas, é porque foi um dia muito exigente... Essas atribuições para explicar a violência muitas vezes são erradas e cabe-nos a nós desconstruí-las, até porque só alimentam essa dependência emocional.

[Igreja Viva] As pessoas já começam a perceber que para existir uma situação de vio-



lência doméstica não é necessário que haja agressão física?

[Raquel Gomes] Acho que sim, ainda que seja difícil. Por vezes as vítimas desvalorizam esses episódios no sentido em que ele ou ela nunca lhe bateu e portanto tendem a legitimar um pouco mais a violência, sobretudo a verbal. Quando há ameaças, geralmente têm uma maior consciência da gravidade. Faz parte do nosso trabalho aqui informar as pessoas que a violência doméstica não se restringe à violência física. A violência psicológica ou verbal acaba por ter sequelas tão ou mais graves do que a violência física. (...)

[Igreja Viva] Quais são os limites entre uma discussão e aquilo já se configura como violência verbal?

[Raquel Gomes] As pessoas no geral vão conhecendo aquilo que são os limites no contexto de uma relação saudável. Todos nós sabemos aquilo que é uma discussão, aquilo que podem ser palavras menos próprias, até um bocadinho mais “rudes”, as pessoas sabem e percebem aquilo que ultrapassa o limite do razoável. (...) A partir do momento em que determinados limites são ultrapassados, as coisas muito dificilmente conseguem regredir. Nós tentamos dizer isso mesmo, passar essa mensagem. Existem muitas vítimas que nos chegam na expectativa de que a relação não sofra uma escalada em termos de violência. E nós sabemos, é o que a literatura nos diz, que a partir do momento em que existe uma primeira agressão física, a probabilidade



“Se perguntarmos à maior parte das vítimas o porquê das discussões, elas identificam o ciúme exagerado e descontrolado. O ciúme nunca é saudável, seja de que natureza for. Mais ou menos exagerado, não faz sentido numa relação de confiança.”



de de acontecer cada vez com mais frequência e intensidade é maior. A partir do momento em que existe uma primeira bofetada, outras se irão seguir. Isso é algo que é urgente desconstruir, sobretudo na população mais nova que ainda está na fase de namoro. Há limites que não podem ser ultrapassados! No caso dos mais jovens existe muito a ideia de se poder fazer alguma coisa porque os pares o fazem: controlar o telemóvel, invadir a privacidade do outro, controlar as redes sociais...

[Igreja Viva] Exercendo controlo também de outras formas?

[Raquel Gomes] Completamente. Isso é uma forma de violência! A pessoa pode não encarar assim, mas tudo o que seja uma forma de restrição da liberdade do outro – a pessoa quer sair para estar com os seus amigos, respeita a sua relação mas quer sair, precisa do seu espaço – é uma forma de controlo. A maior parte das relações violentas tem uma dimensão de controlo e de comportamento obsessivo muito grande. Se perguntarmos à maior parte das vítimas o porquê das discussões, identificam o ciúme, o ciúme exagerado e descontrolado. O ciúme nunca é saudável, seja de que natureza for. Mais exagerado ou menos, não faz sentido numa relação de confiança.

[Igreja Viva] Conhece algum caso que não tenha escalado?

[Raquel Gomes] Não. (...) Não conheço nenhum caso em que tenha existido apenas um caso isolado e as pessoas continuem juntas, porque isso requer da parte do agressor ou da agressora um reconhecimento de si como tendo feito algo extremamente grave, extremamente errado e que, por isso, necessita de apoio e de algum trabalho. Estamos a falar de agressores que, muitas vezes, nem em contexto de tribunal reconhecem o que fizeram de errado. Portanto, estamos a falar de pessoas muito resistentes à procura de apoio e ajuda.

[Igreja Viva] Quando é que se processa o encaminhamento para Casas Abrigo?

[Raquel Gomes] O encaminhamento de emergência para Casas Abrigo é sempre a última opção. Já existem e estão previstas pela lei as casas de

acolhimento de emergência, onde as vítimas podem estar até quinze dias e depois transitar para o contexto de Casa Abrigo. Estas são estruturas onde as vítimas podem permanecer até doze meses com os seus filhos menores. No caso dos maiores de idade já é um bocado mais difícil essa integração. Por isso é que cada caso é um caso... Aquilo que nós tentamos trabalhar é que a opção da Casa Abrigo seja uma resposta limite. (...) A ideia será a pessoa continuar em segurança, não exactamente no mesmo local em que se encontrava, mas eventualmente no mesmo concelho. Se a avaliação de risco nos diz que isso não será possível, ou a própria pessoa não demonstra vontade para que assim seja, recorremos aos contactos. Existe toda uma rede nacional de Casas Abrigo e nós efectuamos todos os contactos para encontrar uma que esteja disponível. Isso pode demorar muito tempo, pode demorar quinze dias. (...) Por isso é que tentamos fazer sempre com que o processo de autonomização da pessoa, a sua saída de casa, seja feito de uma forma organizada. Se for numa situação de emergência é muito mais difícil encontrar uma resposta adequada.

[Igreja Viva] Então que outras opções existem?

[Raquel Gomes] Aquilo que nós tentamos essencialmente é prevenir. A Casa Abrigo não pode ser uma resposta imediata, a pessoa não pode chegar a um Gabinete de Apoio à Vítima e ser essa a solução que se lhe apresenta. Há todo um trabalho que pode ser feito! Por exemplo, nós já atribuímos vários apoios sociais neste âmbito e a Segurança Social às vezes também presta este tipo de apoio, como o pagamento dos dois primeiros meses de renda. A partir do momento em que uma pessoa apresenta uma queixa-crime contra violência doméstica é possível o Ministério Público instaurar determinadas medidas de coação e decretar até o afastamento do agressor da sua residência. No entanto, isto não costuma acontecer dentro dos “timings” que se consideram fundamentais para promover a segurança daquela vítima. Nós achamos que os “timings” da justiça não se compadecem, aquela vítima não tem tempo

para esperar. E vai ser muito difícil para a vítima enfrentar um processo de violência doméstica ou até de divórcio quando ainda coabita com o agressor! Da mesma forma que nós incentivamos à apresentação de queixa, também temos que sentir que a vítima vai estar segura para o fazer, não vai apresentar a queixa, regressar a casa e após uma semana ou duas o agressor tomar conhecimento da queixa. (...) Neste momento temos uma outra dificuldade: os valores das habitações. Estamos a falar muitas vezes de famílias monoparentais, de uma mulher sozinha com os seus filhos. Por isso numa primeira instância o que fazemos é activar o nosso apoio social e, depois, em articulação com a BragaHabit, tentamos fazer esta ponte e promover um apoio mais prolongado ao longo do tempo. Tem sido difícil trabalhar nesse sentido devido às circunstâncias do mercado aqui em Braga em termos de arrendamento. Torna-se impossível para uma pessoa com filhos suportar sozinha o custo de um alojamento.



ESPAÇO IGUAL

Janeiro de 2017
a Setembro de 2018

115

Vítimas de Violência Doméstica
Maioritariamente mulheres adultas com menores a cargo

2

Encaminhamentos para Integração em Casa Abrigo

De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) 2017, nesse ano registaram-se em Braga 1838 ocorrências de violência doméstica. No mesmo ano foram iniciados na região 2226 inquéritos, sendo que apenas 344 foram deduzidos em acusação.

“Coragem! Levanta-te que Ele está a chamar

XXX DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

ATITUDE

Celebrar na Esperança

CONCRETIZAÇÃO: Manter o Cirio Pascal e o pequeno cirio aceso, ao pé dos quais se colocará no chão uma capa escura.

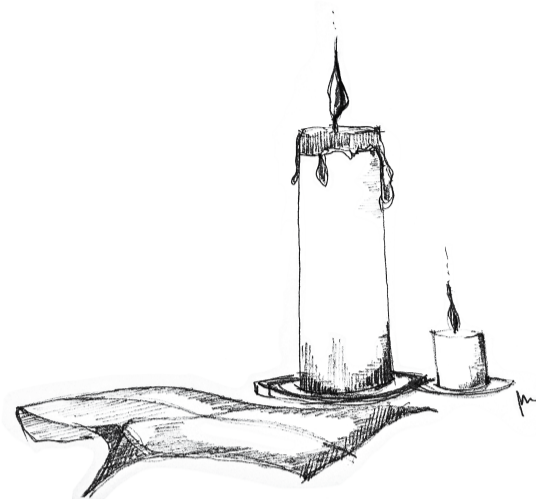


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jer 31, 7-9

Leitura do Livro de Jeremias

Eis o que diz o Senhor: “Soltai brados de alegria por causa de Jacob, enaltecei a primeira das nações. Fazei ouvir os vossos louvores e proclamai: «O Senhor salvou o seu povo, o resto de Israel». Vou trazê-los das terras do Norte e reuni-los dos confins do mundo. Entre eles vêm o cego e o coxo, a mulher que vai ser mãe e a que já deu à luz. É uma grande multidão que regressa. Eles partiram com lágrimas nos olhos e Eu vou trazê-los no meio de consolações. Levá-los-ei às águas correntes, por caminho plano em que não tropecem. Porque Eu sou um Pai para Israel e Efraim é o meu primogénito”.

Salmo responsorial

Salmo 125 (126), 1-2ab.2cd-3.4-5.6 (R. 3)

Refrão: Grandes maravilhas fez por nós o Senhor, por isso exultamos de alegria.

LEITURA II Hebr 5, 1-6

Leitura da Epístola aos Hebreus

Todo o sumo sacerdote, escolhido de entre os homens, é constituído em favor dos homens, nas suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. Ele pode ser compreensivo para com os ignorantes e os transviados, porque também ele está revestido de fraqueza; e, por isso, deve oferecer sacrifícios pelos próprios pecados e pelos do seu povo. Ninguém atribui a si próprio esta honra, senão quem foi chamado por Deus, como Aarão. Assim também, não

foi Cristo que tomou para Si a glória de Se tornar sumo sacerdote; deu-Lha Aquele que Lhe disse: “Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei”, e como disse ainda noutra lugar: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”.

EVANGELHO Mc 10, 46-52

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, quando Jesus ia a sair de Jericó com os discípulos e uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu, a pedir esmola à beira do caminho. Ao ouvir dizer que era Jesus de Nazaré que passava, começou a gritar: “Jesus, Filho de David, tem piedade de mim”. Muitos repreendiam-no para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: “Filho de David, tem piedade de mim”. Jesus parou e disse: “Chamai-o”. Chamaram então o cego e disseram-lhe: “Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te”. O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: “Que queres que Eu te faça?”. O cego respondeu-lhe: “Mestre, que eu veja”. Jesus disse-lhe: “Vai: a tua fé te salvou”. Logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.

REFLEXÃO

Alegre-se o coração dos que procuram o Senhor. Buscai o Senhor e o seu poder, procurai sempre a sua face. Salmo 104, 3-4

Andamos sempre à procura de Deus. Somos “farejadores”, buscamos pressentir alguma coisa do mistério de Deus que nos rodeia, como sugere o monge Anselm Grün. “Os homens

que buscam farejam que algo existe, que é maior do que eles próprios, pressentem o mistério. [...] Reconhecem aí os indícios de algo que os ultrapassa”. Acreditar, portanto, não é um ponto fixo de chegada, mas sim um caminho que requer contínuas escolhas, um caminho que precisa de luz. E é na ousadia da caminhada que brilha a alegria do coração.

“Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te”

Uma pausa forçada e propositada no caminho para Jerusalém. Há muitas cegueiras para curar! Ao aproximar-se da meta, é preciso fazer uma paragem para aprender a lógica de Deus. A cura do cego Bartimeu, no fragmento sugerido para o Trigesimo Domingo (Ano B), é mais um dos sinais realizados com esse propósito de abrir os olhos da fé.

“Mais do que uma narrativa de milagre, o texto evangélico apresenta um caminho exemplar de fé. Aliás, para Marcos, o cego curado é o tipo/modelo do discípulo [...]. O caminho da fé nasce da escuta (versículo 47), torna-se invocação e oração (v. 47-48), discernimento e aceitação de uma chamamento (v. 49), encontro pessoal com o Senhor (v. 50-52a), seguimento de Cristo (v. 52b). Este caminho implica um dinamismo espiritual pelo qual o homem passa da estagnação à mobilidade, da marginalização à comunidade, da cegueira à fé. Portanto, a salvação que consiste na relação com Jesus, é experimentada pelo crente não tanto como estado que atinge e em que se instala, mas como caminho em que persevera” (Luciano Manicardi). O episódio permite, ainda, apreciar a importância da comunidade representada pelos “discípulos e uma

grande multidão”. Aquela gente não assiste de uma forma passiva, pois também é interpelada e chamada a abrir os olhos da fé, ao mesmo tempo, que é mediadora entre Jesus Cristo e o cego que se lhe dirigia aos gritos. Há uma mudança no comportamento da multidão, que passa da repreensão ao encorajamento: “Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te”.

Que tipo de comunidade somos: a que repreende ou a que encoraja? Há “gritos” que precisam de ser escutados e encorajados, mesmo que obriguem a fazer uma pausa no caminho!

Celebrar na esperança

Hoje, a comunidade cristã tem o mesmo mandato de mediadora, recebe a missão de encorajar e guiar a todos até Jesus Cristo. A comunidade é chamada a ser esperança. Jamais pode ser um empecilho na procura de Deus. Ao parar e mandar chamar o cego, Jesus Cristo ensina que todos têm direito a ser escutados e acolhidos. A dinâmica pastoral proposta pela Arquidiocese convida a “«tecer» comunidades onde todos se sintam acolhidos e motivados à missão”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net

-te”



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias para o XXX Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 424)

Prefácio e Oração Eucarística: Oração Eucarística V/D com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1175ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Ser testemunha de uma fé que nos leva a ver mais longe a alegria do Evangelho.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** *Vossos corações exultem*, Az. Oliveira
- **Apresentação dos Dons:** *Abre meus olhos, meu Senhor*, J. A. Mourão / J. Rosenmuller
- **Comunhão:** *Em Vós, Senhor, está a fonte da vida*, Az. Oliveira
- **Final:** *Hino Missionário “Portugal, vive a missão”*, A. Cartageno

Elementos celebrativos a destacar

Ser comunidade acolhedora Preparação Penitencial

V. Senhor, Filho de David, Tu és o Messias: abre-nos os ouvidos do coração para escutarmos os gritos de todos os que sofrem!

R. Senhor, tem piedade de nós!

V. Cristo, Filho de David, Tu és o Bom Samaritano: abre-nos os olhos do coração, para vermos onde há necessidade e estendermos a nossa mão!

R. Cristo, tem piedade de nós!

V. Senhor, Filho de David, Tu és o nosso Mestre: ensina-nos a conduzir para Ti todos os que andam nas trevas da ignorância.

R. Senhor, tem piedade de nós!

Ser comunidade missionária

1. Homilia

Deus preocupa-se em orientar e apontar o caminho que leva a humanidade à vida

verdadeira. É por isso que o profeta Jeremias convida Israel a alegrar-se e a louvar o Senhor, porque Deus teve compaixão do seu povo e vai resgatá-lo da terra do exílio.

Confiando em Deus misericordioso, que se preocupa com os mais pobres e os que sofrem, o cego Bartimeu grita incessantemente pela compaixão de Jesus. Este homem desprezado pelos seus, exilado na berma de um caminho e excluído por todos, descobre a presença benévola do Senhor que passa. Vê com os olhos do coração que Jesus é verdadeiramente o Messias.

Disponhamo-nos também a ser curados por Jesus da nossa cegueira e deixemo-nos conduzir para as águas correntes e para o caminho plano que não nos fazem tropeçar e, assim, possamos testemunhar, como verdadeiros discípulos missionários, a alegria de um Deus que vem para nos salvar.

2. Envio missionário

V. Ide, o Pai, que nos ama, a todos conceda a graça de encontrar a alegria no serviço e na prática do bem.

R. Ámen.

V. Ide, o Filho, que nos salva, a todos cure das cegueiras e nos conceda a luz da sua graça.

R. Ámen.

V. Ide, o Espírito Santo a todos aqueça com o seu amor e nos torne missionários da misericórdia.

R. Ámen.

Oração universal

Caríssimos cristãos: Jesus, que deu vista a um cego, também dá nova luz às nossas vidas. Iluminados pela sua Palavra salvadora, supliquemos ao Pai:

R. Tende compaixão de nós, Senhor.

1. Deus é a luz da Igreja. Oremos por todos os que foram iluminados pelo Baptismo, pelos que querem ver, mas não se comprometem, e pelos que necessitam da visão que só a fé pode dar.

2. Deus é o Criador do mundo. Oremos pelos povos que são explorados, pelos que vivem na pobreza e no medo.

3. Deus é o curador dos que sofrem. Oremos pelos enfermos que desesperam na sua doença e por aqueles que o sofrimento e a saudade os impedem de fazer a experiência de Deus.

4. Deus congrega o seu povo. Oremos pela nossa comunidade, que acredita no seu Senhor, e pelos que anunciam a todos os irmãos que não veem.

5. Deus é a vida dos defuntos. Oremos pelos nossos familiares, cujos olhos a morte fechou, e que agora gozam da visão misericordiosa de Deus.

Senhor, nosso Deus, que nos amais com um olhar de ternura e acolhimento, fazei regressar à pátria os refugiados e cativos e dai colheitas abundantes aos que semeiam com lágrimas. Por Cristo, Senhor nosso.

“Coragem!
Levanta-te,
que Ele está a chamar-te”

TRIGÉSIMO DOMINGO
ANO B - 2018



LABORATÓRIODAFÉ

Olive & Noé



POLVOREIRA JÁ TEM EQUIPA MISSIONÁRIA

A unidade pastoral de São Cipriano de Tabuadelo e São Pedro de Polvoreira, no arcebisado de Guimarães, já constituiu uma equipa missionária, respondendo ao apelo lançado pelo Arcebispo Primaz no programa pastoral e na abertura do novo Ano Pastoral. Formada pelo pároco da comunidade, Pe. Francisco Xavier, uma animadora sociocultural, Vânia Moreira – e uma enfermeira – Carla Fernandes, a equipa missionária visitou, no dia 8 de Outubro, vários doentes das paróquias de Polvoreira e Tabuadelo com vista à prestação de conforto e significado espiritual, avaliação e sinalização de condições clínicas carentes de apoio médico, assim como avaliação e capacitação física e cognitiva destes doentes.



Os responsáveis afirmam que este foi “o primeiro passo de uma longa missão assumida pela unidade pastoral, que reconhece a necessidade de extrapolar muros e chegar a cada vez mais pessoas”.

PASTORAL UNIVERSITÁRIA APRESENTA PROJECTOS DE VOLUNTARIADO

No dia 22 de Outubro, às 19h30, a Pastoral Universitária de Braga (PUB) apresenta os seus projectos de voluntariado para este ano no Centro Pastoral Universitário. Os interessados podem efectuar a sua inscrição em www.pastoral-universitaria.org. A nível local, a PUB encontra-se a oferecer quatro propostas: Mais Horizonte, Casa de Saúde do Bom Jesus, Projecto Homem e Instituto Monsenhor Airoso.

Já além-fronteiras, a proposta da instituição é o Projecto Sementes, uma acção de voluntariado que decorre em países de expressão portuguesa em vias de desenvolvimento. Os universitários são convidados a viver durante os meses de Verão uma experiência de missão, num verdadeiro espírito de entrega com a comunidade que os acolhe. As inscrições decorrem até ao dia 22 de Outubro em www.missaoafrica.org.

AGENDA Viva

20 OUT

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO
3º ENCONTRO DE MÚSICAS E ARTES CÊNICAS
15H00

MÚSICA E MOVIMENTO
PARTILLAS

10 OUTUBRO BRAGA 10 OUTUBRO GUIMARÃES

21 OUT

BARCELOS
CAMINHADA SOLIDÁRIA
21H30

22 OUT

IGREJA DE SÃO PAULO
ROTEIRO MUSICAL DOS QUATRO ARCEBISPOS
21H30

Roteiro Musical dos Quatro Arcebispos Santos

Concerto Igreja de S. Paulo, Braga

Obras de Arvo Pärt, Hermenegildo Faria/Eurico Carrapatoso, Gustav Mahler

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

Sim
Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA

Ser Igreja

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o **Cónego José Paulo Abreu**, Deão da Catedral de Braga, sobre a figura de S. Martinho de Dume.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

23€

10%
Desconto

TOMÁŠ HALÍK
DIANTE DE TI,
OS MEUS CAMINHOS

Com a sua história de vida, Tomáš Halík leva-nos a muitos lugares inusitados e a diferentes situações da vida. Desde a infância no estalinismo à construção da democracia, passando pela sua conversão ao cristianismo, pela ocupação soviética em 1968, a sua ordenação sacerdotal secreta e o envolvimento na “Revolução de Veludo” em 1989, esta biografia espiritual mostra como Deus conduz a vida de um ser humano através dos acontecimentos mais dispares.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 18 a 25 de Outubro de 2018.

